



## Infâncias deslocadas: controle de corpos e fronteiras em *Arquivo das Crianças Perdidas*, de Valeria Luiselli

*Displaced children: control of bodies and borders in the Lost Children Archive*, by  
Valeria Luiselli

Livia Verena Cunha Rosario\*  
Universidade Federal Fluminense  
Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar como a experiência de crianças refugiadas, na fronteira entre México e Estados Unidos, é retratada na obra *Arquivo das crianças perdidas*, da autora mexicana Valeria Luiselli. Todos os anos, cerca de 100 mil crianças vindas do México e América Central enfrentam, muitas vezes desacompanhadas, uma perigosa viagem em busca de segurança e esperança de sobreviver nos Estados Unidos. Quando os refugiados conseguem alcançar a fronteira, ainda correm o risco de serem detidos ou deportados de volta a seus países. Várias crianças que viajam nessas circunstâncias para os Estados Unidos – ou de um país para outro, em qualquer lugar do mundo –, ficam aguardando muito tempo em centros de detenção ou campos de refugiados, sem saber o destino que as aguarda. É a partir das histórias dessas crianças que fogem, e às vezes se perdem cruzando as fronteiras, que Valeria Luiselli constrói o romance *Arquivo das crianças perdidas*, e situa o leitor diante de alguns aspectos da complexa experiência do refúgio no mundo contemporâneo. Para tanto, o artigo especifica as vulnerabilidades das crianças refugiadas, a relação da autora com a questão migratória e como a polifonia da obra apresenta as características dos mecanismos de controle de corpos na fronteira.

**Palavras-chave:** Crianças. Refugiados. Controle. Fronteira.

**Abstract:** The aim of this article is to analyze how the experience of refugee children, on the border between Mexico and the United States, is portrayed in the novel *Lost children archive*, by the Mexican author Valeria Luiselli. Every year, an estimated 100,000 children from Mexico and Central America face, often unaccompanied, a dangerous journey in search of safety and hope of survival in the United States. When refugees manage to reach the border, they still run the risk of being detained or deported back to their countries. Several children who travel under these circumstances to the United States – or from one country to another, anywhere in the world – are waiting a long time in detention centers or refugee camps, not knowing the fate that awaits them. It is from the stories of these children who flee, and sometimes get lost across borders, that Valeria Luiselli builds the novel *Lost children archive*, and places the reader in front of some aspects of the complex experience of refuge in the contemporary world. Therefore, the article presents data on refugee children, the author's relationship with the migration issue and how the polyphony of the work presents the characteristics of the control mechanisms of bodies at the border.

**Keywords:** Children. Refugees. Control. Border.

### INTRODUÇÃO

“Um refugiado é alguém que já chegou a algum lugar, a uma terra estrangeira, mas deve esperar por um tempo indefinido antes de chegar de verdade e por completo”. Essa é uma das muitas tentativas de definir um refugiado para além das Convenções

---

\* Doutoranda em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense (POSLIT/UFF). Mestra em Estudos de Fronteira pela Universidade Federal do Amapá (PPGEF/UNIFAP). Professora efetiva de Língua Espanhola na Secretaria de Educação do Estado do Amapá. E-mail: liviaverenac@gmail.com.

Internacionais, segundo Valeria Luiselli (2019). Ao longo de cinco anos, a autora mexicana construiu o denso romance *Arquivo das crianças perdidas*, no qual mescla sua experiência pessoal como migrante, sua atuação como intérprete de crianças refugiadas e sua crítica à resposta do governo norte-americano diante dos crescentes fluxos migratórios de latino-americanos.

No século XXI, o deslocamento forçado atingiu números inéditos, de acordo com Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, 2019), são pelo menos 78 milhões de pessoas apátridas, solicitantes de asilo, deslocadas internas e refugiadas no mundo, as quatro categorias da migração forçada. Todos os anos, cerca de 100 mil crianças vindas do México e América Central enfrentam, muitas vezes desacompanhadas, uma perigosa viagem em busca de segurança e esperança de sobreviver nos Estados Unidos. Para isso, precisam pagar pessoas conhecidas como “coiotes”, que a princípio seriam responsáveis por ajudá-las na longa e arriscada travessia, mas que muitas vezes apenas tomam seu dinheiro e as abandonam. Quando os refugiados conseguem alcançar a fronteira, ainda correm o risco de serem detidos ou deportados de volta a seus países.

Várias crianças que viajam nessas circunstâncias para os Estados Unidos – ou de um país para outro, em qualquer lugar do mundo –, ficam aguardando muito tempo em centros de detenção ou campos de refugiados, sem saber o destino que as aguarda. É a partir das histórias dessas crianças que fogem, e às vezes se perdem cruzando as fronteiras, que Valeria Luiselli (2019) constrói o romance *Arquivo das crianças perdidas*, e situa o leitor diante de alguns aspectos da complexa experiência do refúgio no mundo contemporâneo.

Vale ressaltar que não se trata exclusivamente de um romance sobre crianças refugiadas, ainda que o assunto permeie toda a narrativa. Uma família de quatro pessoas, o pai, a mãe, o menino e a menina, protagonizam a história. A família está em trânsito, porque de fato percorrem as estradas desérticas entre Nova York e Arizona, mas também porque se trata da última viagem das quatro pessoas nesta configuração familiar, é também uma despedida da vida que conheciam, pois ao fim da viagem o casal decide terminar o casamento.

Sendo assim, a partir de uma pesquisa bibliográfica, o objetivo deste artigo é analisar como a experiência de crianças refugiadas, na fronteira entre México e Estados Unidos, é retratada na obra *Arquivo das crianças perdidas*, da autora mexicana Valeria Luiselli. O artigo está dividido em quatro seções. Na primeira, “Fronteiras entre migração, refúgio e literatura”, apresenta-se como migração e refúgio estão inseridos na obra em questão; na segunda parte, “Uma criança refugiada é alguém que espera”, demonstra-se a relação entre refúgio e infância na realidade e na ficção; no terceiro item, “Controle de corpos e fronteiras: crianças detidas e deportadas”, é evidenciada a seletividade no controle das fronteiras quando trata-se de crianças mexicanas e centro-americanas; por fim, em “Trocando de lugar: o menino e a menina fogem”, observa-se como a autora inverte o papel das crianças refugiadas/ perdidas.

## FRONTEIRAS ENTRE MIGRAÇÃO, REFÚGIO E LITERATURA

Lançada em 2019, a obra *Arquivo das crianças perdidas* despertou atenção da crítica especializada e várias análises pontuam a “crise da migração” como tema principal da narrativa. Por outro lado, estudiosos dos fenômenos migratórios como Di Cesare (2020) e Agier (2016) rechaçam o termo “crise” para tratar dos padrões de mobilidade atuais. Di Cesare (2020) argumenta que quando se fala em crise, a migração é vista como um desvio a ser interrompido, uma anomalia a ser abolida. Há de fato uma crise, humanitária, e não migratória, por isso é necessário o cuidado no uso dos termos, para que não se recaia na culpabilização do migrante, como um problema a ser resolvido.

Segundo Machado (2020), relacionar diretamente pobreza, terceiro mundo, países subdesenvolvidos e refúgio, pode incitar a simplificação de um problema global. Global porque as situações de refúgio são produzidas por conflitos gerados, financiados ou estimulados por países desenvolvidos, que recebem migrantes e refugiados como efeitos de sua própria ação: financiamento de guerras, venda de armas, explorações econômicas etc., contudo, o efeito bumerangue tem sido combatido com políticas sistemáticas de imposição de dificuldades para a entrada de refugiados em países desenvolvidos.

Para Bauman (2017), a questão das migrações têm sido uma das mais acesas no século XXI, e promete ser ainda mais central conforme a pandemia de COVID-19 afeta, de forma assimétrica, diferentes países e comunidades. Por isso, em meio aos regulamentos e análises econômicas, pode-se compreender a migração enquanto dados numéricos ascendentes, mas a partir da literatura, é possível vislumbrar as subjetividades daqueles que se deslocam, considerando a pluralidade de histórias por trás da mobilidade.

As definições de refúgio e refugiado não configuram um objeto auto delimitado, mas necessariamente um processo que envolve políticas internacionais, legislações estatais, nacionalismos, racismos, xenofobias, direitos humanos, intervenções humanitárias, cidadania e religiões. Essa “constelação do refúgio” (MACHADO, 2020) elucida que, quando tomada de forma acrítica, o status de refugiado dificulta a pensar os processos de deslocamento ligados a essa constelação.

A representação da condição dos refugiados nas narrativas literárias corresponde a uma reação ao frequente discurso simplista da mídia de massa, que reduz a questão do refúgio a “tragédia”, “crise”, “problema” e demais termos que criminalizam os refugiados pelo deslocamento forçado. Outro conjunto de metáforas utilizadas são as “aquáticas”: inundação, onda, fluxo, sempre indicando um descontrole e a falta de ordem ou incompetência na contenção dessas “ameaças”. No romance *Arquivo das crianças perdidas*, de Valeria Luiselli (2019), um casal viaja de carro de Nova York para o Arizona, por motivos profissionais. O marido e a esposa são jornalistas que trabalham com projetos sonoros, realizam gravações e pesquisas de campo para captação de sons diversos; ele está dedicado a documentar sobre o povo Apache, e ela a documentar a situação das crianças refugiadas nas fronteiras ao sul do Estados Unidos.

Na longa viagem de carro, o casal é acompanhado pelo casal de filhos, uma menina de 05 anos e um menino de 10 anos. Os nomes próprios dos personagens são desconhecidos pelo leitor, assim, temos o marido, ou o Pá/ Pã, a esposa, ou a Má/Mã, o

menino/filho e a menina/filha. O casal utiliza o rádio como principal fonte de notícias durante o deslocamento, e é assim que podemos perceber o discurso midiático norte-americano acerca das crianças refugiadas:

Sempre que consigo encontrar notícias sobre a situação na fronteira, aumento o volume e todos nós escutamos: centenas de crianças refugiadas chegando sozinhas. Todos os dias, milhares a cada semana. Os radialistas estão chamando isso de uma crise da imigração. Um influxo em massa de crianças, uma onda repentina. Elas não têm documentos, são ilegais, são *aliens*, dizem alguns. São refugiadas, legalmente têm direito à proteção, argumentam outros. Esta lei diz que devem ser protegidas; esta outra emenda diz que não. O Congresso está dividido, a opinião pública está dividida, a imprensa está prosperando com um excedente de controvérsias, as organizações sem fins lucrativos estão fazendo hora extra. Todo mundo tem uma opinião sobre o assunto; ninguém concorda em nada. (LUISELLI, 2019, p. 50)

Nota-se então o reforço do estigma de crise, onda, invasão, além do uso do termo “ilegais” para pessoas indocumentadas. O termo ilegal condiz a uma visão securitária, que criminaliza uma situação administrativa. Além do mais, aquele que pratica um ato ilegal pode ser um criminoso, bandido, corrupto; alguém que cometeu um ato que deve ser rechaçado por toda a sociedade que vive no lado legal, ou de bem. Assim, classificar alguém de “ilegal” corresponde a uma noção de penalização, como se aqueles que cruzam as fronteiras nacionais estivessem necessariamente cometendo um crime contra a sociedade, equiparando todos os migrantes indocumentados como risco à sociedade, tal qual um homicida, um ladrão ou um estuproador.

Desde os anos 1970, a Organização das Nações Unidas (BERTONCELLO, 2020) sugere o uso do termo migrante indocumentado ou migrante irregular, como alguém que comete a infração administrativa de não estar com a documentação exigida em dia. Portanto, não existem seres humanos ilegais, porque a existência humana não pode ser anulada, existem pessoas que cruzam fronteiras. Migrar é uma condição humana, e não um crime.

Em *Arquivo das crianças perdidas*, encontramos personagens em situação de refúgio, que corresponde a um status específico dentro do tema migração, já que nem todos os migrantes são refugiados, mas todos os refugiados são migrantes. Em 1951, ocorreu a Convenção das Nações Unidas Relativa ao Estatuto dos Refugiados OU Convenção de Genebra, responsável pela definição do termo refugiado, assim como de todo o protocolo que cada país deveria seguir para tratar os refugiados com dignidade e proporcionar-lhes a oportunidade de uma nova vida.

De acordo com a definição da Convenção de Genebra (SARTORETTO, 2018), podem ser considerados refugiados todos aqueles que saem de seus países de origem devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social, opiniões políticas imputadas, ou devido a grave e generalizada violação de direitos humanos. A fuga para pessoas refugiadas apresenta-se como última solução e essa ruptura involuntária desencadeia um processo traumático.

Embora a dispersão e desterritorialização de povos variados sejam partes constitutivas da história humana, que podem ser rastreadas desde os relatos bíblicos

(PETERS, 1999), estamos testemunhando os maiores níveis de deslocamento já registrados. Segundo o mais recente relatório da Agência das Nações Unidas para Refugiados (2019), o número de refugiados cresceu mais de 50% nos últimos 10 anos: já são 26,0 milhões em todo o mundo. A perspectiva tradicional sobre os meandros das relações entre o Estado e os refugiados configuram um quadro explicativo e analítico fundamental, entretanto, sabemos pouco sobre as especificidades de cada coletivo, das dinâmicas e das relações que tecem entre si e outros refugiados, migrantes ou nacionais.

Diante do crescente número de reportagens sobre crianças indocumentadas chegando ao Estados Unidos, a personagem central de *Arquivo das crianças perdidas*, a mãe, questiona por que nenhum órgão da imprensa parecia cobrir a situação a partir da perspectiva das crianças nela envolvidas. Frente a essa indagação, a personagem-narradora consegue um financiamento para a produção de um documentário sonoro sobre as crianças refugiadas na fronteira.

A mãe iniciava ainda em Nova York, a construção de seu novo projeto sonoro, quando o marido comunica que iniciará a gravação dos últimos ecos nas terras onde viveram os Apaches, últimos indígenas a resistirem à colonização britânica. O novo trabalho do pai implica na viagem rumo ao sul do Estados Unidos pelos antigos territórios apaches, decisão que ele toma sem consultar a esposa, instaurando uma crise conjugal.

Ao embarcarem rumo ao Arizona, o pai e a mãe reconhecem a incerteza da sua relação: podem não ficar mais juntos após a viagem. O casamento entre a mãe e o pai ocorreu quando as crianças eram ainda menores e, embora o casal não faça distinção entre elas, o menino é filho biológico do pai, a menina é filha biológica da mãe. O pai é estadunidense, a mãe é mexicana.

Enquanto o carro da família percorre o vasto território norte-americano, os dois filhos, sentados no banco de trás, escutam as conversas e posicionamentos de seus pais e, à sua maneira, confundem as notícias sobre as crianças refugiadas nas fronteiras com o genocídio dos povos nativos da América do Norte. No imaginário do menino e da menina, essas histórias se entrelaçam. Assim também na narrativa de Luiselli se mesclam as travessias de meninos e meninas em busca de dignidade.

## **“UMA CRIANÇA REFUGIADA É ALGUÉM QUE ESPERA”**

Em 2015, a foto do menino sírio Aylan Kurdi gerou comoção internacional. A imagem do corpo da criança de três anos morta por afogamento, encontrada de bruços na praia turca de *Brodum*, alertou para a situação dos refugiados na travessia do mar Egeu, rumo à Europa. Em reportagem do jornal *The Guardian* (KHAN, 2015), soube-se um pouco mais da história de Aylan; segundo a publicação, o menino sírio estava com os pais e irmão mais velho, em um total de treze pessoas ocupando um barco com capacidade para seis integrantes; a embarcação foi tragada pelo mar minutos após o embarque e o único membro sobrevivente da família Kurdi foi o pai, Abdullah. A família Kurdi tentou percorrer a rota mais comum de chegada à Europa, partindo da Síria, que é a fuga primeiramente para a Turquia via terrestre, de lá para a Grécia, de barco. Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM), em 2015, ano da morte de Aylan

Kurdi, foram 3.771 fatalidades na praia turca.

Em 2019, outra imagem de uma criança refugiada também morta por afogamento ganhou destaque no noticiário internacional. Os corpos sem vida de Óscar e Valeria Martínez, um salvadorenho e sua filha de um ano e 11 meses, afogados nas margens do caudaloso rio Bravo, na [fronteira entre o México e os Estados Unidos](#), em meio ao recrudescimento da política antiimigratória norte-americana, durante a administração de Donald Trump.

As fotos de Aylan Kurdi e Valeria Martinez são o que Mangana (2018) chama de imagem-despertador, isto é, um elemento que detona um conjunto de memórias e de conhecimentos latentes associados a um determinado tema, assunto ou protagonista. Desse modo, enquanto a morte do menino Aylan acendeu o debate sobre a chegada à Europa de refugiados provenientes, sobretudo, do Médio Oriente e Norte de África; a morte da menina Valéria evidenciou a impiedosa travessia da fronteira entre Estados Unidos e México, com migrantes e refugiados provenientes do próprio México e América Central.

O relatório Tendências Globais do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), de 2019, revelou que a população deslocada global é jovem: 53% do número total são crianças, muitas desacompanhadas ou separadas das famílias. Dos deslocados sob mandato do ACNUR, dois terços são provenientes da Síria, Afeganistão, Sudão do Sul, Mianmar e Somália.

Ainda segundo o ACNUR (2019), 170 mil menores de idade estão sozinhos em situação de refúgio, após terem escapado de conflitos, de perseguições à sua etnia ou grupo social ou de outras violações aos direitos humanos. E esses números representam somente as crianças que não são acompanhadas por algum adulto, porque as que se deslocaram junto com pelo menos um responsável, totalizam mais de metade dos refugiados do mundo.

O ACNUR (2019) constatou que refugiados e solicitantes de refúgio são frequentemente obrigados a recorrer aos contrabandistas e outras medidas de risco para atravessar fronteiras internacionais, fugindo de perseguições e conflitos. As condições de saída, trânsito e recepção de refugiados nos países de destino são moldadas pelo crime organizado e oportunista, o que somado aos perigos inerentes às passagens de fronteira, pode resultar em sua exploração, abuso e tráfico. Nesse contexto, o ACNUR relatou ainda que mulheres e meninas, especialmente aquelas viajando por conta própria, estão particularmente expostos a riscos de violência sexual e de gênero.

Ao conhecer a história de duas irmãs mexicanas, de 8 e 10 anos, a personagem mãe, em *Arquivo das crianças perdidas*, envolve-se na busca por essas duas crianças refugiadas, em uma jornada que transformará sua vida e de sua família. Antes da viagem em família rumo ao Arizona, a mãe trabalhava em Nova York na produção de outro documentário sonoro, cujo objetivo era captar as línguas faladas na cidade. Durante essa pesquisa, a mãe conheceu uma migrante mexicana chamada Manuela. Em troca de sua participação no documentário, Manuela pediu um favor à mãe:

Ela tinha duas filhas mais velhas – oito e dez anos de idade – que haviam acabado de chegar ao país, cruzando a fronteira a pé, e estavam presas em um centro de detenção no Texas. Ela

precisava de alguém para traduzir os documentos das meninas do espanhol para o inglês, com pouco ou nenhum custo, de modo que pudesse encontrar um advogado para defendê-la e evitar que fossem deportadas. Concordei, sem saber no que estava me metendo. (LUISELLI, 2029, p. 25)

As meninas de Manuela integram a porcentagem de 51% dos refugiados no mundo (ACNUR, 2019), ou seja, mais da metade dos refugiados do mundo são menores de 18 anos. Os dados causam impacto, pois estima-se que as crianças formem a porcentagem de 31% da população mundial.

Dessa maneira, a mãe conheceu a história de outra mãe, que como muitas, havia saído do México rumo aos Estados Unidos em busca de melhores condições de vida e com a intenção de posteriormente buscar os filhos que ficaram no país de origem. Manuela conseguiu atravessar a fronteira seis anos antes, sem documentos e estabeleceu-se no bairro *Bronx*; inicialmente Manuela enviava dinheiro para suas duas filhas, que haviam permanecido em uma pequena cidade mexicana sob os cuidados da avó. Com o agravamento da violência e escassez de comida na terra natal, Manuela pagou a um coioote para trazer suas filhas até ela, assim, a avó das meninas as preparou para a travessia:

Fez para elas vestidos idênticos e, na véspera da partida, costurou o número e telefone de Manuela na gola dos vestidos. Ela tinha tentado fazer com que memorizassem os dez algarismos, mas as meninas não conseguiram. Então ela costurou o número na gola dos vestidos e, inúmeras vezes, repetiu uma única instrução: elas jamais deveriam tirar os vestidos, nunca, e assim que chegassem aos Estados Unidos, tão logo encontrassem o primeiro americano, fosse um policial ou uma pessoa normal, homem ou mulher, elas tinham que mostrar a parte de dentro da gola. Essa pessoa então ligaria para o número costurado e as deixaria falar com a mãe. O resto aconteceria. (LUISELLI, 2019, p. 27)

Coiotes são as pessoas que conduzem os migrantes indocumentados pelas áreas de fronteira; esses atravessadores em geral conhecem muito bem as regiões desérticas às margens dos países ou agenciam a travessia em barcos, nas ditas “fronteiras molhadas”. Contudo, são várias as obras literárias que refletem os noticiários e retratam como os coiootes muitas vezes abandonam pessoas na fronteira, pois o caminho entre um país e outro envolve várias etapas, viagens longas e perigosas, e os coiootes sabem até onde podem se arriscar, o limite onde é praticamente impossível não ser capturado, assim, embora mediante o pagamento antecipado e promessas de chegada, os coiootes deixam os refugiados à própria sorte.

Em obras literárias como *A esperança é uma travessia*, de Laila Lalami (2007), também aparece a figura do coioote, como aqueles que auxiliam nas famosas rotas pelo mar mediterrâneo para refugiados que saem do Oriente Médio e da África, em direção a Europa. Na obra citada, os coiootes levam os refugiados em embarcações superlotadas, com salva-vidas danificados e insuficientes, além do mais, ao se aproximarem da terra firme, os atravessadores interrompem o trajeto para forçar os refugiados a descerem do barco e seguirem nadando até a praia, já que os condutores precisam retornar dali para evitarem a Guarda Costeira.

Em *Arquivo das crianças perdidas*, as meninas de Manuela também são abandonadas pelo coioote no deserto do Texas, mas são encontradas pela Patrulha da Fronteira. Um

oficial telefonou para Manuela para dizer-lhe que as meninas haviam sido encontradas e estavam em um centro de detenção para menores migrantes desacompanhados.

O oficial comunicou que, de acordo com a Lei Norte-Americana, ao contrário de crianças de outros países, crianças mexicanas tinham que ser deportadas imediatamente. Ele conseguiu manter as meninas no centro de detenção, mas elas precisariam de um advogado imediatamente:

O caso das meninas era um entre dezenas de milhares de semelhantes de uma ponta à outra do país. Mais de oitenta mil crianças sem documentos haviam sido detidas na fronteira sul dos Estados Unidos nos últimos seis meses. Todas essas crianças estavam fugindo de circunstâncias de indescritíveis maus-tratos e violência sistemática, (...). Tinham vindo para os Estados Unidos em busca de proteção, à procura de mães, pais ou outros parentes que migraram antes e poderiam acolhê-las. Elas não estavam em busca do Sonho Americano, como costuma ser a narrativa. As crianças estavam apenas à procura de uma maneira de escapar de seu pesadelo diário. (LUISELLI, 2019, p. 28)

Em seguida, já durante a viagem com sua família rumo ao Arizona, a mãe conversa com Manuela por telefone e descobre que o pedido de asilo das meninas havia sido negado e que o advogado que a mãe tinha conseguido para ajudá-las desistira do caso. As meninas haviam sido transferidas para um novo centro de detenção, no Arizona, de onde seriam deportadas. Mas, na data marcada para a transferência, elas desapareceram. Manuela acreditava que as filhas haviam fugido do centro de detenção para procurar por ela:

Ela me diz que está esperando alguém ligar e dizer alguma coisa. Afinal, as meninas ainda devem ter consigo seus vestidos, então têm o número de telefone dela. Eu não a questiono mais sobre isso, mas pergunto: O que você vai fazer a seguir? Procurar por elas. E o que eu posso fazer para ajudar? Nada agora, mas se você chegar ao Arizona, você me ajuda a procurar. (LUISELLI, 2019, p. 129)

Enquanto viaja com sua família, a mãe seguia preocupada com a situação das filhas de Manuela, perdidas pelo deserto. A inquietação da mãe desperta a curiosidade dos filhos, o menino e a menina, que também acompanham as notícias do rádio sobre os refugiados. Assim, as crianças questionam a mãe sobre o que significa ser um refugiado e embora ela busque muitas formas para responder a contestação dos filhos, o menino e a menina adotam a terminologia que intitula o livro para referir-se às crianças refugiadas:

Sempre que o menino e a menina falam sobre crianças refugiadas, percebo agora, eles as chamam de “crianças perdidas”. Suponho que a palavra “refugiado” seja mais difícil de lembrar. E mesmo que o termo “perdido” não seja exato, em nosso léxico familiar íntimo os refugiados passam a ser conhecidos como “crianças perdidas”. E, de certa forma, creio que são de fato crianças perdidas. São crianças que perderam o direito à infância. (LUISELLI, 2019, p. 88)

A separação de seus familiares, o abandono e a solidão durante as travessias e nos centros de detenção ou campos de refugiado, geram traumas no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Schmid (2019) reflete sobre o efeito de políticas de detenção na saúde mental de refugiados e solicitantes de asilo, bem como sobre o papel dos serviços

de saúde mental atuantes nessas condições. Transtorno Depressivo Maior (TDM), Transtorno de Ansiedade (TA) e Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) são recorrentes em crianças e adolescentes, além de ideias suicidas ou atos de automutilação. “Crianças de até nove anos relataram que preferiam morrer a viver na situação de desesperança em que estavam”, relata Schmid (2019), que atuou como psiquiatra da organização Médicos Sem Fronteiras (MSF), no centro de detenção de refugiados localizado em Nauru, um país insular da Oceania.

Na última vez que Manuela falou com as filhas pelo telefone, enquanto elas aguardavam no centro de detenção, a filha mais nova só respirou fundo e não disse nada. Manuela compreendeu que algo ocorrera, pois a filha era uma criança falante e mesmo durante os anos de distanciamento respondia com entusiasmo aos telefonemas da mãe. Contudo, Manuela nunca descobriria por quais desafios suas filhas passarem na tentativa de buscar uma vida melhor no outro lado da fronteira. Assim como Aylan e Valéria, as duas meninas aumentaram os índices de crianças perdidas para sempre.

## **CONTROLE DE CORPOS E FRONTEIRAS: CRIANÇAS DETIDAS E DEPORTADAS**

Antes de *Arquivo das crianças perdidas*, Valeria Luiselli publicou em 2017 a coletânea de ensaios *Tell me how it ends: An Essay in 40 Questions*, onde a escritora revela sua experiência real como intérprete de crianças refugiadas centro-americanas em centros de detenção nos Estados Unidos. Trechos desses ensaios e das entrevistas que foram realizadas com as crianças basearam a construção de *Arquivo das crianças perdidas*, a história ficcional criada por Luiselli.

A personagem mãe também trabalhou como intérprete de menores de idade indocumentados e depois passou a documentar sonoramente a realidade dessas crianças, assim, ela teve acesso a diversos relatórios e artigos acerca de crianças refugiadas e pôde reunir informações sobre o que estava acontecendo no Tribunal da Imigração de Nova York, na fronteira, em abrigos e centros de detenção.

Quando crianças sem documentos chegam à fronteira, são submetidas a um interrogatório conduzido por um agente da Patrulha de Fronteira. Isso é chamado de entrevista de medo crível, e seu objetivo é determinar se a criança tem razões suficientemente boas para buscar asilo no país e sempre inclui certas perguntas:

Por que você veio para os Estados Unidos?  
Em que data você saiu do seu país?  
Por que você saiu do seu país?  
Alguém ameaçou matar você?  
Você tem medo de voltar ao seu país? Por quê? (LUISELLI, 2017, p. 60)

Após o trauma da fuga de seus países de origem, o atravessamento com coiotes e longas caminhadas pelo deserto, ao serem capturadas pelas autoridades, as crianças devem responder a 40 perguntas oficiais que determinarão seu destino. A primeira questão

sempre é: “Por que você veio para os Estados Unidos?”. A personagem mãe relata que muitas crianças de 5 ou 6 anos sequer conseguem responder a essa pergunta, já que as histórias são sempre embaralhadas, gaguejadas, estilhaçadas, para além de qualquer possibilidade de ordenação narrativa. “O problema de tentar contar suas histórias é que não têm começo, meio e fim” (LUISELLI, 2017, p. 09).

Sobre a pergunta sete do questionário: “Aconteceu algo em sua viagem aos EUA que o assustou ou machucou?”, Luiselli (2017) comenta que as crianças raramente dão uma resposta honesta, não porque mentem ou são evasivas, mas porque a verdade pode ser difícil demais para ser contada. Segundo o ACNUR (2019), 80% das meninas e mulheres que cruzam a fronteira do México para os Estados Unidos são estupradas no caminho, além da exposição a várias outras violações.

Antes da entrevista de medo crível nos centros de detenção, para posterior audiência com o Juiz de Imigração ou deportação, as crianças refugiadas encontradas pela Patrulha da Fronteira precisam aguardar em instalações, que muitos chamam de *Ice Box* ou *Hieleras* (geladeiras), quartos tão frios que parecem estar congelando. Essas celas gélidas são **centros de detenção onde as pessoas não devem permanecer mais de 72 horas, porém**, organizações de Direitos Humanos há anos denunciam que os migrantes muitas vezes passam dias, até meses, sofrendo nesses ambientes de baixíssimas temperaturas, aglomerados, em camas de concreto e sem serviços sanitários adequados. Em 2018, foi lançado na HBO o filme *Icebox*, onde o menino salvadoreño de 12 anos, Oscar, abandona sua casa em Honduras devido à violência das gangues. Para fugir, Oscar embarca em uma jornada perigosa para os Estados Unidos, com o objetivo de conseguir asilo e se juntar a um tio. Mas após escapar através da fronteira entre Estados Unidos e México, é capturado no deserto do Arizona e acaba preso dentro rígido e assustador sistema de imigração norte-americano, passando vários dias em uma *Hielera* no *Arizona*. Crianças como Oscar, “têm que atravessar fronteiras nacionais, rios, desertos, horrores. E as que finalmente chegam, são postas no limbo, são instruídas a esperar” (LUISELLI, 2019, p. 58)

Para Costa e Vieira (2019), ainda se verifica que essa lógica punitivista é agravada quando se trata de migrantes vindos do Sul Global, por meio de uma rígida política de vistos e de outros requisitos que acabam impedindo a entrada de pessoas em situação de vulnerabilidade ou puramente em razão de sua nacionalidade. A mãe descobre que crianças mexicanas indocumentadas são imediatamente removidas, deportadas para o México, mas se são da América Central, a Lei de imigração Norte-Americana lhes dá direito a uma audiência.

A deportação imediata de crianças mexicanas reflete a relação dos Estados Unidos e seu vizinho latino, cuja questão migratória foi o eixo central da campanha eleitoral de Donald Trump, em 2016. Ao longo de seu mandato, Trump anunciou e implementou diversas medidas para endurecer o combate e as regras contra migrantes indocumentados, como a detenção das crianças que cruzaram a fronteira em centros afastados de seus pais ou responsáveis.

Em reportagem de fevereiro de 2021, o Jornal *Gaceta* (ROMERO, 2021) pontua que o México deixou de ser um corredor regional e tornou-se um corredor

global de migrações transcontinentais e centro-americanas, sobretudo dos países El Salvador, Guatemala e Honduras. A personagem mãe, de *Arquivo das crianças perdidas*, em sua pesquisa sobre as crianças refugiadas, atenta para os olhares depreciativos direcionados aos migrantes da América Central:

A uma pergunta sobre de onde vêm as crianças, a entrevistada responde que três quartos delas são “principalmente de cidades pobres e violentas” de El Salvador, Guatemala e Honduras. Penso nas palavras “principalmente de cidades pobres e violentas” e nas possíveis implicações dessa forma esquemática de mapear as origens das crianças que migram para os Estados Unidos. Essas crianças são totalmente estranhas para nós, as palavras parecem sugerir: Vêm de uma realidade bárbara. (LUISELLI, 2019, p. 62)

Triângulo Norte da América Central (TNAC) é o nome dado para representar os países El Salvador, Guatemala e Honduras. Desde a década de 1980, o TNAC é marcado por sistêmicas intervenções estrangeiras, descrença das instituições e a forte desigualdade social fornecem um contexto propício para disputas políticas pelo poder por diferentes grupos sociais insatisfeitos com a política de seus países. Essas disputas fazem com que um grande contingente de pessoas seja forçado a deixar seus países por medo dos conflitos internos que emergem da violência generalizada e da violação maciça dos direitos humanos. Os Estados Unidos não reconhecem de forma sistemática a crise humanitária no TNAC, levando à deportação de muitos refugiados sob o pretexto de serem migrantes econômicos.

Sendo assim, é possível também analisar as políticas populistas discriminatórias norte-americanas como reprodução da lógica da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005). A Colonialidade equivale a uma matriz ou padrão colonial de poder, um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica mecanismos de exclusão e de hierarquização, por meio de estruturas de poder que se sustentam em normas e instituições.

Migrantes e refugiados latino-americanos, cujas identidades são racializadas, atestam a perpetuação dos processos de colonialidade, pois seguem categorizados como não europeu/ não brancos, sujeitos a uma suspeita constante de sua humanidade, o que os transformam em seres indesejáveis. O imigrante do Sul, segundo Silva e Piseta (2019), é hostilizado a partir da mediação de atores dominantes e de práticas discursivas que ressaltam a diferença fundada em um ou mais atributos: comportamentos culturais, idioma utilizado para se comunicar, práticas religiosas, traços fenotípicos, entre outros.

Por isso, as políticas de migrações nos Estados Unidos reproduzem a colonialidade em escala supranacional, porque perpetuam as hierarquizações coloniais fundadas na ideia de raça. A característica principal da colonialidade é a impossibilidade de coexistência dos dois no mesmo território ou lado da fronteira.

Ao Sul, ficam reservadas as subjetividades consideradas bárbaras, ignorantes, desprovidas de autonomia e de saberes, portanto passíveis de serem colonizadas e rechaçadas. São os “outros”, sujeito coloniais e racializados, são corpos que precisam de controle: patrulha, detenção, icebox, deportação. O termo em inglês para os estrangeiros

em vias de deportação, majoritariamente migrantes latino-americanos, é *removable aliens* (alienígenas removíveis), corpos estranhos e, portanto, descartáveis.

## TROCANDO DE LUGAR: O MENINO E A MENINA FOGEM

Na segunda parte de *Arquivo das crianças perdidas*, chamada de Reencenação, há uma mudança de foco narrativo; é o menino quem passa a contar sobre a viagem da família rumo ao Arizona. Se até então a situação das crianças refugiadas era entendida sob o olhar documental da mãe, Luiselli (2019) passa a simular a compreensão de uma criança de dez anos, consequentemente permeada de inocência e curiosidade.

A partir da narração do menino, sabemos que os quatro membros da família, embora não tenham seus nomes verdadeiros revelados, adotam apelidos. Assim, a mãe era também chamada de Seta da Sorte, o pai era Papá Cochise, a menina era Memphis e o menino era Pluma Veloz. A ideia para os codinomes parte do Pai, baseado no modo como os Apaches escolhiam seus nomes.

Diante das notícias, dos mapas, fronteiras e da preocupação da mãe com as filhas de Manuela, o menino resolve que irá procurar as duas meninas perdidas. Temos então o clímax da obra, o menino e a menina fogem pelo deserto, com o intuito de chegar à Apacheria ou Cânion do Eco, destino final da viagem organizada pelo pai, onde estariam vestígios sonoros da existência dos últimos indígenas americanos. Assim, Luiselli transforma o menino e a menina também em crianças perdidas e concretiza o temor que intimamente sempre assolou a mãe: “Eu me pergunto se eles sobreviveriam nas mãos de coites e o que lhes aconteceria se tivessem que atravessar o deserto sozinhos. Se eles se vissem sozinhos, nossos filhos sobreviveriam?” (LUISELLI, 2019, p. 132)

Pluma Veloz e Memphis fogem durante a madrugada da pousada onde a família pernoitava. O menino organizara uma mochila, alguns mantimentos e recolhera os mapas da mãe e do pai, que auxiliariam no trajeto. A menina é acordada pelo irmão e, sonolenta, acaba persuadida a segui-lo. Ao saírem da pousada, a menina questiona o irmão sobre a partida e quer retornar para seu quarto, pois acredita que os pais ficariam zangados quando notassem a ausência dos filhos, mas acaba cedendo definitivamente à ideia do menino.

Pluma Veloz relembra o comportamento da mãe durante os dias da viagem, muito focada nas anotações e no armazenamento de dados referentes ao arquivo que ela produzia. Ainda segundo o menino, as notícias no rádio sobre as crianças perdidas costumavam afetar a mãe, deixando-a triste ou furiosa, e o menino observa essas reações sem compreender muito bem, mas com certo ciúme pela atenção que a mãe dispensava a outras crianças:

Isso me deixava tão zangado com ela. Eu queria lembrá-la de que, embora aquelas crianças estivessem perdidas, nós não estávamos perdidos, estávamos ali, bem ao seu lado. E isso me fazia imaginar, e se nos perdêssemos, ela finalmente prestaria atenção em nós? Mas eu sabia que esse pensamento era imaturo, e também nunca soube que palavras dizer a ela para mostrar que eu estava com raiva, então ficava quieto e você ficava quieta e todos ouvíamos

as histórias dela ou apenas o silêncio no carro, o que talvez fosse pior. (LUISELLI, 2019, p. 229)

Durante a Reencenação, conhecemos ainda a versão do menino sobre o episódio já narrado pela mãe e presenciado pela família na primeira parte do livro, referente à deportação de crianças hispânicas. Em um posto de gasolina, no Texas, a família soube que “crianças alienígenas” seriam deportadas para Honduras, México ou “algum lugar da América do Sul”, em um aeroporto não muito longe dali.

O menino havia ganhado uma máquina polaroide da Mãe e estava tirando muitas fotos durante a viagem, então, ele também registra quando um grupo de vinte crianças, algumas menores que o próprio menino, saem andando em fila indiana do hangar rumo ao avião e desaparecem no céu. Após a decolagem, o menino presencia o ataque de fúria da mãe, que “começou a xingar os soldados, depois berrou como eu nunca a tinha visto fazer antes, e em seguida ficou apenas respirando, sem dizer nada”. (LUISELLI, 2019, p. 21)

A mãe não se furtava em responder às perguntas do menino sobre seu trabalho e sobre as notícias acerca dos refugiados; ela sempre replicava às diversas indagações do menino, para que de alguma maneira ele entendesse minimamente como e por que aquelas crianças chegavam ali e depois eram forçadas a retornar. Os momentos de tristeza, raiva e indignação da mãe passam a ser também assimilados pelo menino.

Fiz perguntas à Mamã, e ela respondeu. De onde vinham as crianças e como elas chegaram aqui? E ela disse o que eu já sabia, que elas tinham vindo em um trem e, antes disso, andaram quilômetros e quilômetros e andaram tanto que seus pés ficaram machucados e tiveram que ser curados. E elas sobreviveram no deserto, e tiveram que se proteger de pessoas más, e conseguiram alguma ajuda de outras melhores, e percorreram todo o caminho até aqui, para procurar seus pais e mães e talvez outros irmãos e irmãs que aqui viviam. Mas, em vez disso, todas elas foram detidas e colocadas em um avião para que pudessem ser removidas, disse ela, desapareceram do mapa, o que é como uma metáfora, mas também não é. Porque é verdade, elas desapareceram. (LUISELLI, 2019, p. 213)

O menino ouvira certa vez do pediatra, que crianças só criavam memórias a partir dos 6 anos de idade. Dada essa informação, ele percebeu então que a irmã de 5 anos não se recordaria daquela viagem, por isso, baseado no trabalho dos pais e também no carinho fraterno, Pluma Veloz resolveu que construiria também seu arquivo da viagem, para que Memphis pudesse consultá-lo quando fosse mais velha e assim acessar as memórias daqueles dias. Além do mais, a partir de conversas que escutara entre os pais, o menino sabia que seria a última viagem dos quatro juntos como família, “Eu precisava encontrar uma maneira de ajudar você a se lembrar, mesmo que fosse por meio de coisas que eu documentasse para você, para o futuro”. (LUISELLI, 2019, p. 232)

Entre os materiais para seu arquivo sonoro em construção, a mãe levava consigo um livro chamado *Elegia das crianças perdidas*. Durante a viagem, ela lê e comenta trechos desse livro para o menino, para a menina e para o pai. A *Elegia* em questão é da autora fictícia Ella Camposanto, assim, Valeria Luiselli (2019) recorre à metaficção, já que a

personagem mãe além de estar documentando sobre as crianças perdidas, também lê uma história sobre a travessia das crianças em direção à fronteira antes de se perderem.

As dezesseis *Elegias* do livro que a mãe lê com seus filhos retratam as crianças que viajam em cima do Trem da Morte ou *La Bestia*, um trem que atravessa o México de norte a sul, transportando de açúcar a grãos e minerais, e ajuda muitos migrantes a fugir de golpistas e sequestradores ou, mais recentemente, de agentes de imigração e policiais que abundam nas estradas. Na tentativa de buscar uma vida melhor, muitos migrantes sofrem por conta de quedas fatais ou ferimentos graves durante a viagem, principalmente quando a ferrovia desliza por túneis e por isso, a alcunha Trem da Morte:

O repórter explica que anualmente cerca de meio milhão de migrantes viajam no teto de trens de carga, que as pessoas chamam de *La Bestia*, ou besta-fera, e diz que o menino que ele está entrevistando hoje perdeu o irmão mais novo em um desses trens. O menino diz que o irmãozinho caiu do trem pouco antes de chegar à fronteira. Quando ele começa a explicar o que aconteceu, exatamente, eu desligo o rádio. Sinto uma náusea profunda e entorpecida – uma reação física à história e à voz do menino, mas também à forma como a cobertura jornalística explora a tristeza e desespero para nos dar sua representação: tragédia. Nossos filhos reagem violentamente à história; querem ouvir mais, mas também não querem ouvir mais. (LUISELLI, 2019, p. 160)

O pai e a mãe percebem na manhã do dia seguinte a ausência dos filhos. Incrédulos, gritam pelas crianças e saem a esmo na estrada na tentativa de alcançá-los. Agora o pai e a mãe tinham suas próprias crianças perdidas. O casal mobiliza as autoridades competentes para encontrarem seus filhos e, após 40 horas do desaparecimento, resolvem olhar as caixas no porta-malas. Os pais percebem que o mapa havia sumido e que o menino deixara um bilhete: “Partimos, vamos procurar as meninas perdidas, encontramos vocês mais tarde no Cânion do Eco”. (LUISELLI, 2019, p. 322)

Ao longo da viagem de carro, o menino e a menina indagavam insistentemente: “Quando vamos chegar? Falta muito para chegarmos?”, e o pai dizia que a última parada era a *Apacheria*, que ele chamava de Cânion do Eco. Por fim, o menino e a menina conseguem chegar sozinhos à *Apacheria*, esperam ser encontradas pelos pais, até que de fato o são. O mesmo final feliz não acontece com as meninas de Manuela, que também esperavam ser encontradas pelos pais, em algum lugar daquele mesmo deserto.

## CONCLUSÃO

Em *Arquivo das crianças perdidas*, Valeria Luiselli nos permite o vislumbre da gravidade da situação na fronteira entre México e Estados Unidos, tendo como ponto de partida o elo mais vulnerável dessa cadeia, as crianças. Optou-se por intitular este artigo com o termo *infâncias deslocadas*, pois crianças que fogem para sobreviver têm suas infâncias deslocadas dos lugares de conforto, segurança e acolhimento, onde todas as crianças deveriam estar.

Valeria Luiselli teve a oportunidade de auxiliar crianças refugiadas em busca de asilo no enfrentamento de uma entre tantas barreiras, o idioma. A partir de seu trabalho

como intérprete e o acesso às burocracias das políticas migratórias norte-americanas, a autora criou uma ficção na qual não intenta falar pelas crianças, mas concebe personagens que assim como ela, testemunham de perto a condição do refúgio e são profundamente tocados por essa experiência.

A autora de *Arquivo das crianças perdidas* também nasceu no México e atualmente reside nos Estados Unidos, mas sua experiência de mobilidade não é marcada pelo fundado temor de perseguição, ao mesmo tempo, são crianças da mesma origem que a dela as mais afetadas pelo controle das fronteiras

Ao conciliar três eixos narrativos: a viagem da família, a história do livro *Elegia das crianças perdidas* e os aspectos sobre a política migratória norte-americana, Luiselli comove o leitor de muitas maneiras, expressando a polissemia e polifonia dos deslocamentos. Mãe, pai, filho, filha, meninos e meninas refugiados, todos estão em trânsito no romance, mas as fronteiras não são as mesmas para todos, tampouco os efeitos das mobilidades.

Em determinado ponto da narrativa, a mãe, questiona-se como um documentário radiofônico seria útil para ajudar aquelas crianças e se seria ético produzir uma peça sonora partindo do sofrimento alheio. Em algumas entrevistas, Luiselli revela que assim como sua personagem, também hesitou em transformar em um romance sua angústia e raiva diante dos interrogatórios brutais com as crianças refugiadas, e capitalizar em cima de tragédias.

Porém, as articulações do romance *Arquivo das crianças perdidas* provocam mais que a comiseração, despertam a consideração sobre histórias suspensas, interceptadas na fronteira, de meninos e meninas que perdem a chance de crescer. Portanto, devem também a Arte e a Literatura promover esse resgate das perdas, da desmemória, das ausências, contra ou com o esquecimento, já que segundo a própria autora: “Talvez a única maneira de se fazer alguma justiça - se isso fosse ao menos possível - seja ouvir e registrar essas histórias de novo e de novo, de modo que elas voltem, sempre, para nos assombrar e nos envergonhar”.

## REFERÊNCIAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. *Global Trends Forced Displacement 2019*. (Relatório Tendências Globais do Deslocamento 2019). Disponível em:

[https://www.unhcr.org/globaltrends2019/#\\_ga=2.26643389.1682290101.1598875195-916436396.1593524852](https://www.unhcr.org/globaltrends2019/#_ga=2.26643389.1682290101.1598875195-916436396.1593524852).

ACNUR -. *Manual de procedimentos e critérios a aplicar para determinar o Estatuto de Refugiado* – de acordo com a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados. Genebra, 1992. Disponível em: [https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Manual\\_de\\_procedimentos\\_e\\_crit%C3%A9rios\\_para\\_a\\_determina%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_condi%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_refugiado.pdf](https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Manual_de_procedimentos_e_crit%C3%A9rios_para_a_determina%C3%A7%C3%A3o_da_condi%C3%A7%C3%A3o_de_refugiado.pdf)

AGIER, Michel. *Borderlands: towards an Anthropology of the Cosmopolitan Condition*. Cambridge and Malden: Polity Press, 2016.

- BERTONCELLO, Fernando Rodrigues da Motta. *Quando migrar é a última alternativa: o refúgio por questões de gênero*. Londrina: Editora Thoth, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- COSTA, Vitória Volcato da; VIEIRA, Luciane Klein. *Nacionalismo, xenofobia e União europeia: barreiras à livre circulação de pessoas e ameaças ao futuro europeu*. Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, vol. 3., set/dez., 2019, p. 133-160. Disponível em:  
<https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/65536/40429>.
- DI CESARE, Donatella. *Estrangeiros residentes: uma filosofia da imigração*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.
- ICEBOX. Direção: Daniel Sawka. Produção: James L. Brooks. Estados Unidos, 2018. 1h26 min. HBO.
- KHAN, Adnan R. *Alan Kurdi's father on his family tragedy: 'I should have died with them'*. The Guardian, Tue. 22 Dec. 2015. Disponível em:  
<https://www.theguardian.com/world/2015/dec/22/abdullah-kurdi-father-boy-on-beach-alan-refugee-tragedy>
- LALAMI, Laila. *A esperança é uma travessia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- LUISELLI, Valeria. *Arquivo das crianças perdidas*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2019.
- LUISELLI, Valeria. *Tell me how it ends: an essay in 40 Questions*. Minneapolis: Coffee House Press, 2017.
- MANGANA, Rafael. *Aylan Kurdi como imagem-despertador da crise dos refugiados: o enquadramento da imprensa ibérica*. Revista Estudos em Comunicação da Universidade da Beira Interior. Nº 26, vol. 2, 2018, p. 61-79. Disponível em:  
<http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/ec/article/view/455/238>.
- MACHADO, Igor José de Reno. *Etnografias do Refúgio no Brasil*. São Carlos: EDUFSCar, 2020.
- OIM – Organização Internacional para as Migrações. *World Migration Report 2015* (Relatório de Migração Global 2015). Disponível em: <https://www.iom.int/world-migration-report-2015>.
- PETERS, John Durham. Exile, Nomadism and Diaspora: the stakes of mobility in the western canon. In: NAFICY, Harnid. *Home, Exile, Homeland: Film, Media and Politics of Place*. New York and London: Routledge, 1999, p. 17-41.
- PINTO, J. M. S. *O desolador cenário migratório do Triângulo Norte da América Central: limites e perspectivas no âmbito humanitário*. Rev. Sociologias Plurais, v. 6, n. 1, p. 29-44, jan. 2020.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, set. 2005, p. 107-130.
- ROMERO, Laura. *México, corredor migratório global*. Gaceta UNAM (Universidad Nacional Autónoma de México). Feb 4, 2021. Disponível em:  
<https://www.gaceta.unam.mx/mexico-corredor-migratorio-global/>.

SANTOS, Isabelle Dias Carneiro. *Crianças e adolescentes refugiados: políticas públicas de integração*. Londrina: Thoth Editora, 2020.

SCHMID, Patrícia Cavalcanti. *Saúde mental e restrição de liberdade: relato de experiência como médica psiquiatra em centro de detenção de refugiados*. Revista Saúde Debate 43 (121) 05 ago. 2019. Disponível em: <https://scielosp.org/article/sdeb/2019.v43n121/626-635/>.

SILVA; Karine de Souza PISETA, Ivan. *Dois pesos e duas medidas: a projeção da colonialidade nas políticas de migrações e de cidadania na União Europeia*, Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas: v. 13 n. 1 (2019). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/13084>.